

OS BOLSOS CHEIOS DE PEDRAS

(Stones in his pockets, 1996)

DE **MARIE JONES**

TRADUÇÃO | **MARIA HERMÍNIA BRANDÃO**
DIREÇÃO | **JOÃO CARDOSO**
ESPAÇO E FIGURINOS | **SISSA AFONSO**
LUZ | **NUNO MEIRA**
SONOPLASTIA | **FRANCISCO LEAL**

INTERPRETAÇÃO | **PEDRO FRIAS**
RODRIGO SANTOS

OPERAÇÃO DE SOM | **PEDRO QUIROGA CARDOSO**
CONSTRUÇÃO E MONTAGEM DE CENA | **TUDO FAÇO**
FOTOGRAFIA | **PAULA PRETO**
IMAGEM GRÁFICA | **SISSA AFONSO**

PRODUÇÃO EXECUTIVA | **MARTA LIMA**
PRODUÇÃO | **ASSÉDIO**

MUSICA - excerto de *CANCIÓN* | **MANUEL DE FALLA**



SINOPSE

Tendo como pano de fundo a rotação de um filme, numa pequena vila do interior, onde os aldeões são contratados como figurantes, o texto justapõe as assimetrias do poder da indústria cinematográfica com a realidade de uma pequena comunidade rural.

Através do riso, é com mordacidade que nos vão sendo revelados os efeitos que esta "invasão" da equipa de filmagens provoca no seio da comunidade, culminando no suicídio de um jovem. Este acontecimento provoca uma avalanche de conflitos que deixam o realizador dividido entre permitir que os figurantes assistam ao funeral ou continuar as filmagens para cumprir orçamentos.

Marie Jones neste texto constrói um desenfreado jogo de cena profundamente estimulante, onde apenas dois atores se desdobram em múltiplas e inesperadas personagens.

Duração aproximada | 1h30
M 12

PRÓXIMAS PRODUÇÕES ASSÉDIO

SALA DE BOLSO

quarta a domingo – 21h 30

FLY ME TO THE MOON

de MARIE JONES

8 de Maio a 1 de Junho

INTERPRETAÇÃO
JOANA CARVALHO
ROSA QUIROGA

ENCENAÇÃO
JOÃO CARDOSO

UMA NOITE EM NOVEMBRO

de MARIE JONES

16 de Outubro a 15 de Novembro

INTERPRETAÇÃO
PEDRO FRIAS

ENCENAÇÃO
JOÃO CARDOSO

TeCA

quinta a sábado
21h30, domingo – 16h

O FEIO

de MARIUS VON MAYENHURG

26 de Novembro a 7 de Dezembro

INTERPRETAÇÃO
JOÃO CARDOSO
JOANA CARVALHO
PAULO FREIXINHO
PEDRO FRIAS

ENCENAÇÃO
JOÃO CARDOSO



ASSÉDIO | Associação de Ideias Obscuras
www.assedioteatro.com.pt
assedio@assedioteatro.com.pt
BILHETEIRA | 91 664 33 50

assédio
Associação de Ideias Obscuras

Estrutura financiada por:



Apoio:



3 A 27 DE ABRIL
QUARTA A DOMINGO, 21H 30

SALA DE BOLSO
MiraGaia 61



Mesmo no meio da devastação total havemos sempre de arranjar modo de rir.

Marie Jones

Nascida em Belfast, 1951, Marie Jones é uma das mais prolíficas e bem-sucedidas dramaturgas da Irlanda do Norte.

Tendo iniciado a sua atividade no teatro independente, depressa ganhou destaque pelo seu trabalho bem-humorado, certo, assente num profundo conhecimento da prática teatral. E hoje consegue, com textos traduzidos por todo o mundo, uma consensual aceitação, tanto do público, como da crítica.

Atriz em Belfast, desde a década de 70 e frustrada pela histórica escassez de trabalho para as mulheres no teatro, em 1983, com outras quatro atrizes, funda a sua própria companhia, *Charabanc*.

Nesse mesmo ano o seu reconhecimento como dramaturga inicia-se com *Lay Up Your Ends*, em co – autoria com Martin Lynch, uma bem-sucedida peça sobre duas semanas de greve dos trabalhadores de linho Belfast.

A partir daqui a sua obra não parou de crescer, tendo publicado textos de teatro como *Oul' Delf and False Teeth* (1984), *Now You're Talkin'* (1985), *Gold in the Streets* (1986), *The Terrible Twins' Crazy Christmas* (1988), *Weddin's, Weein's and Wakes* (1989), *The Hamster Wheel* (1990), *The Blind Fiddler of Glenadauch* (1990), *The Government Inspector* (1993), *Night In November* (1994), *Women On The Verge Of HRT* (1995), *The Blind Fiddler* (2004), *A Very Weird Manor* (2005), *Rock Doves* (2010), *Dancing Shoes: The George Best Story* (2010), *Fly Me To The Moon* (2012), etc., além de ter escrito guiões para cinema, televisão e rádio. Se a sua escrita, por um lado, tem sido criticada pelo estilo eclético, onde, por vezes, ressalta uma estranha fusão de influências, ou até mesmo de se deixar levar por abordagens mais simplistas ou sentimentais, por outro lado, a sua obra afirmou-se inequivocamente pelo modo como expressa a crítica, urdida com humor, inteligência e desassombro.

Observadora lúcida, Marie Jones oferece-nos construções dramatúrgicas de quem conhece muito bem o jogo teatral, e abre-nos, assim, possibilidades para que dos seus textos decorram objetos cénicos provocatórios e gratificantes.

Stones in his pockets estreou-se pela primeira vez no *Lyric Theatre*, em Belfast em Abril de 1996, com os atores Conleth Hill e Tim Murphy tendo logo alcançado reconhecimento público no Festival de Edinburgh.

Elogiada desde a sua estreia, conquistou vários prémios, como o *Irish Times / ESB Irish Theatre Award* em 1999, o prémio *Laurence Olivier*, o *The Evening Standard Award* de melhor comédia, foi nomeada para três prémios *Tony* em 2001, ganhou o *Drama Desk Special Award* e um prémio especial do *Outer Critics Circle*.

Portanto a única coisa que se vê são vacas, em cada centímetro do écran, vacas... vacas, só vacas e no meio daquilo tudo esses sapatos de desporto de marcas chiques, num monte de bosta de vaca fumegante ... Isto é a primeira coisa que essa criança vê, a primeira intrusão no seu mundo.

Os *Bolsos Cheios de Pedras* é o segundo texto de Marie Jones que a ASSÉDIO leva a cena, depois de *Uma noite em Novembro*. Este é também uma comédia e, tal como o anterior, uma crítica, desta feita ao mundo do cinema.

Decidimos fazer uma adaptação deste texto no sentido de o tornar mais explícito, tanto no jogo dos atores como no diálogo entre as diversas pronúncias, utilizadas também, aqui, para caraterizar as personagens.

Colocamos a ação em Portugal, numa pequena vila do interior, Terras do Bouro, onde a sua população é usada como figurante, por uma equipa de filmagens da capital, cujo filme tem como protagonista, uma vedeta brasileira.

O texto vai-nos revelando as assimetrias do poder financeiro da indústria cinematográfica com a realidade desta pequena comunidade rural, visão reforçada pela nossa abordagem dramatúrgica, a qual assenta na total economia de meios utilizados. Dois atores desenvolvem catorze personagens interpelando diretamente o público. É, pois, incontornável a exigência do trabalho dos intérpretes, o recorte que distingue cada uma das personagens, aqui acompanhado no plano físico e vocal, no ritmo transmitido pelos diálogos e pelas constantes mudanças de cena. Um desafio que queremos que resulte vertiginoso também para o público.

João Cardoso

AGRADECIMENTOS:

Américo Castanheira - Tudo Faço
Câmara Municipal do Porto
Casa da Música
Ensemble - Sociedade de actores
Fuselog
Luís Batalha
Teatro Nacional São João

